

# Narrativa de si

**Daniela Araujo do Nascimento**

Acredito na narrativa de si. Acredito que é uma forma de romper o silêncio e dar voz àqueles a quem uma perversa e persistente engrenagem racista tem negado e invisibilizado sua cultura, seu conhecimento, suas ricas e preciosas histórias de vida. Penso também na narrativa como uma forma de atribuir sentido às minhas experiências, o que me possibilita refletir, agir, transformar. É essa possibilidade de reflexão/ação que me impulsiona, motiva e me permite trazer breves relatos sobre a minha vivência como mulher, negra e pobre da Baixada Fluminense.

Nasci, cresci e moro até hoje em Nova Iguaçu. Com dificuldades, estudei numa das melhores escolas do município e tal fato me apresentou desde cedo as múltiplas facetas do racismo estrutural arraigado nas entranhas da sociedade brasileira. A escola tinha uma única professora negra, eu era a única menina pretinha da sala, do transporte escolar. No recreio, seguia só e, vez por outra, encontrava alguma coleguinha que, bem como eu, na sua solidão de criança negra, procurava refúgio no banco mais escondido do pátio. Era uma verdadeira sessão de tortura: os apelidos, as zoações, os apontamentos, o “deixa eu ver o seu cabelo” eram uma constante. Cada dia naquele lugar me causava enorme angústia.

À medida que crescia, ia, conseqüentemente, negando uma identidade negra afirmativa construída por meu pai. Nasci no ano de 1976, por essa época, o movimento Black Power tinha causado um reboiço no cenário musical do Brasil. Ouvíamos Bob Marley, Gilberto Gil, Jorge Ben (ainda não era Ben Jor), usava continhas nas pontas de minhas incontáveis tranças que mamãe fazia com todo carinho e zelo nos finais de semana. Mas, certa vez, na volta para casa, as meninas do transporte escolar pediram para ver meu cabelo solto. Inocente, desfiz minhas tranças e soltei os mais de 45 centímetros de cabelo naturalmente crespo que minha mãe cultivava com todo apreço. Quis morrer naquele dia. Todos apontavam para mim e riam, riam copiosamente.

Na adolescência, tinha cabelos curtos, alisados e passava horas usando pente de ferro quente, dormia mal por conta dos bobes de cabelo e os pinguinhos de chuva tornaram-se meus piores inimigos. Tinha muitos amigos, era a “miss simpatia” da escola (sim, fui eleita!), era a menina mais legal (eu acho ou, pelo menos, era o que os outros alunos e alunas diziam). Não tinha namorado, mas estava sempre dando uma forcinha para aquela amiga de cabelos lisos e longos ficar com o garoto mais bonito (loiro) da escola.

No final dos anos 1990, buscava incansavelmente entrar para a universidade. Não saía, lia a madrugada inteira. Perdi amigos, entrei para uma universidade pública de renome, casei. Saí do Rio por alguns anos e voltei para a mesma universidade. Ali, conheci muita gente, mas afeição-me às meninas cuja realidade estava mais próxima da minha. Tinha uma amiga que morava em Mangueira, outra na Favela do João e uma que morava em Mesquita. Eu e a de Mesquita levávamos mais de duas horas para ir e para voltar do campus. Nessa altura, já era mãe e duas de minhas amigas também. Naquela faculdade, tivemos uma professora negra. Reza

## Seção Treinel

a lenda que ela havia sido empregada doméstica e, incentivada pela patroa, tornou-se doutora em Grego. Era um exemplo para mim. Admirava aquela mulher. Seu modo discreto e elegante de se vestir - quase europeu -, sua fala contida. Tudo nela parecia querer, a qualquer custo, caber numa caixinha. E cabia.

Ao longo do curso, conheci uma disciplina intitulada Literatura Africana, oferecida em dois períodos. A partir de então, apaixonada pelas muitas Áfricas que conheci e buscando preencher lacunas que iam surgindo pelo caminho, passei a frequentar cursos que abordassem o tema e cheguei às relações étnico-raciais. Esse momento foi de profundo choque para mim, foi como se tivesse acordado de um sono profundo e, ao abrir os olhos, deparei-me com uma cruel realidade que me fez perceber que tudo por que passei, durante toda a minha história de vida, foi sempre perpassado pela minha condição de mulher, pobre e negra.

Percebi que as dificuldades que encontrei durante a minha trajetória de vida pessoal e profissional foram atravessadas de maneira lancinante pela barreira social e pelas barreiras de gênero e cor. Percebi também que a moradia caracteriza-se como mais um fator de exclusão social e cultural. Ter alisado o meu cabelo, negando minha identidade negra, foi um meio que encontrei de parecer mais aceitável, o que não evitou o fato de ser preterida pelos meninos da escola por conta da cor de minha pele. Ter sido inserida num contexto acadêmico de qualidade não me isentou de ter acesso apenas a um grupo social específico. Ter tido como referência apenas uma professora negra, desde a educação básica até a graduação, não foi um privilégio.

Todas essas “descobertas” podem ser assim denominadas, porque temos, no Brasil, um mecanismo de exclusão e hierarquização de grupos humanos muito bem articulado, forjado ao longo da história dessa nação: o racismo. De maneira velada, é ele que decide o lugar que o negro deve ocupar nessa sociedade e define a forma como devemos nos comportar, em prol da manutenção de um status quo. Se você é negro ou negra, certamente, acabou encontrando algum ponto de intercessão entre as nossas vivências. O que evidencia que nada pelo que passamos é apenas mera coincidência. Não é “mimimi”, fala que visa a deslegitimar e desqualificar a discussão sobre preconceito, racismo e discriminação no país. Por isso, a necessidade de se ter voz e tocar o dedo na ferida mesmo, falando sobre racismo, sexismo e outros tantos ismos que incidem diretamente na vida da mulher negra nessa sociedade, bem como na vida de todo o povo negro brasileiro. Daí, a importância de se valorizar as narrativas negras como um meio de transformação significativo e de desconstrução de paradigmas equivocados que insistem em se manter nas relações que estabelecemos ao longo do percurso. Nossa realidade social, cultural, histórica urge por mudanças nesse sentido.